

C. M. B. BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director honorário:
M. CAMPOS HENRIQUES

PROPRIEDADE DO CLUBE DESPORTIVO DA TEBE

Redacção e Administração: Campo 5 de Outubro. 39 - R/c

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Siloa

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

Natal e os presépios

Por António Baptista

A palavra Natal evoca nos meus sentidos um mundo cheio de graça, que se renova de ano para ano na contemplação sublime do nascimento do MENINO DEUS.

Falar do Natal, dessa renovação particularmente psicológica, que baila nos olhos e nas almas das criaturas é como cantar esse rosário de estrofes que se ouve, a cada passo, dos lábios e dos corações da boa gente simples:

Não chames amor perfeito	Nasceu o menino Jesus
Às coisas que a terra cria:	Feito Deus omnipotente
Amor perfeito há um só,	O sol tem já outra luz
Filho da Virgem Maria!	Nos olhos de muita gente!

Natal - Nascimento - Família

E, de facto, a celebração do Natal é a reunião da Família, é o dia grave dos abraços sentidos que de longe se encurtam, dos cumprimentos sinceros que nos chegam dos amigos que nunca nos esquecem e das saudades dos que não podem vir...

O Natal é uma força emotiva que, de geração em geração, há-de continuar como prova iniludível da eternidade da fé cristã.

Os pintores, os escultores, os músicos e os poetas, todos (salvo excepções) cantaram o Natal... Sim! todos lhe deram um pouco do seu sentir e do seu adivinhar.

A iconografia religiosa armazena um mundo de quadros onde a concepção artística deu largas à sua inspiração.

Se à pedra falta a cor, aos quadros não lhes falta esse manancial de tintas e perspectivas que o tempo trouxe até nós, de ontem até hoje, com «o ar de intimidade, de recolhimento e de poesia plebeia que, forçosamente, devia respirar-se na famosa Gruta de Belém não poderia, em verdade, sugerir aos mestres pintores dos últimos períodos medievais tamanho luzimento na composição das cenas com ricas e vistosas alfaias, vestes e outros atributos, como se vê em diversas tábuas dos mestres portugueses dos séculos XV e XVI. Ou porque a estatuária dispuzesse de menos recursos de expressão plástica ou porque, enfim, o entendimento das passagens bíblicas fosse outro no tempo das catedrais românicas e góticas de França, os temas da Natividade afloram na pedra com manifesta singeleza, muitas vezes reduzidas a formas humildes, embora enter-

(Continua na página dois)

Glória In Excelsis Deo - NATAL!

Fonte de inspiração para as artes plásticas

Por António Baptista

O nascimento de Jesus, do menino Deus, tem merecido um especial estudo, uma demorada análise, que o cuidado dos historiadores, o engenho dos artistas e a fantasia do povo, souberam embalar na música sublime da crença, trazendo até nossos dias uma maravilhosa produção de quadros célebres, cuidadosamente guardados e conservados nos principais museus do mundo.

O assunto principal que sempre inspirou os pintores que conceberam quadros relativos à Natividade do Menino Deus foi bebido nas palavras dos evangelistas S. Mateus e S. Lucas.

S. Mateus disse: «Entrando (Os Magos) na casa, acharam o Menino com Maria Sua mãe e, prostrando-se O adoraram; e abrindo seus cofres lhe fizeram suas ofertas de ouro, incenso e mirra».

S. Lucas, entrando num campo mais positivo e concreto explica o momento solene da Glória antes de chegarem os Magos. São dele estas palavras: «E, deu à luz (MARIA) seu filho primogénito e o enfaixou e o reclinou em uma mangedoura...»

E foram (os Magos) depressa e acharam a Maria e a José e ao menino, posto em uma mangedoura».

Eis pois todo um conjunto de palavras que traduz, com certa verdade, a adoração dos reis Magos ao Deus recém nascido em Belém.

Os pintores e escultores conceberam, quer na tela quer no mármore, quer ainda no barro, o nascimento do Menino com pormenores e fantasias filhas da sua (deles) imaginação sempre agitada e em busca do mistério.

Se nos demormos, por momentos, na contemplação do presépio da Sé de Lisboa (atribuído a Machado de Castro - 1731-1822) veremos quanto a fantasia é pródiga e o engenho, por vezes, ilimitado.

E, se entrarmos no Museu de Arte Antiga, em Lisboa, e nos inclinarmos no estudo, embora superficial, dum presépio popular, como por exemplo, o da Igreja Madre de Deus, lá veremos as figuras históricas e principais da Natividade de Cristo. Vemo-las ricas de simplicidade, graves de sentimentos e sublimes no embaraçoso recolhimento duma adoração sã e inspirada.

A imaginação dos artistas ultrapassa de longe o limitado pela história, para se perpetuar no reconhecimento e



Adoração dos Magos (séc. XVI)

(Do mestre do retábulo de Setúbal)

NATAL

Os joelhos em terra,
as mãos erguidas, presas.
E Deus o céu descerra
aos murmúrios que rezas.

Brilham mais as estrelas.
Mais neve o céu derrama.
E, se por fora gelas,
por dentro és uma chama.

E beija a tua face
o luar que aparece,
como se Deus mandasse
um sim à tua prece.

Alberlo de Serpa

na crença puríssima dum Deus que havia sido antevisto por Moisés, quando este compunha a história ainda antes de ser vivida.

«Há um Deus, dizem as Sagradas Escrituras. Ele falou-nos, dizem os profetas».

Se olharmos o quadro, Adoração dos Anjos, do políptico de S. Francisco, de Évora (Vida da Virgem), obra de Francisco Henriques, lá vemos, com toda a sua maravilhosa presença, as figuras centrais em adoração abrindo com respeitosa humildade os cofres, em forma de terrina, para ofertar ao Filho de Deus, o incenso, a mirra e o ouro.

É curiosa a composição dos motivos, principalmente do Menino, que sua Mãe, com ar angelical, segura e mostra como se, uma força, vinda do Alto, a tanto obrigasse.

Como é cheio de graça o conjunto que forma este quadro.

Porém, se quisermos admirar com os olhos e a alma um quadro bem significativo do Natal (nascimento) basta ir a Viseu, e no museu de Grão Vasco lá encontramos a «Adoração dos Magos» do mestre do retábulo da Sé de Viseu que, rico de pormenores, com uma compreensão de estética enternecida, surge, em toda a sua majestade, pela contemplação evidente e real do aparecimento do enviado do Alto, até então nunca aparecido, e parece mover-se.

Todos os grandes quadros que, pelo engenho e pela arte, souberam conservar os motivos principais, que a história religiosa mantém, são ciosamente estudados, analisados, verificando-se em cada um a alma do autor que o concebeu. Mas caso interessante é a permanência da tradição, embora o culto do novo procure cambiantes diferentes.

Mas a consistência dos caracteres, dos personagens, do

cenário enfim, da cor, do volume, leva o artista a captar o mistério e é dentro dele que a sua fantasia se alarga, se avoluma, se dilata sem tornar estante, em rigor, o que para ele é a equivalência do mistério na significação do seu mundo emotivo. O circunstancial evolui no artista à medida que o passado dele se aproxima e lhe mostra que tudo se repete embora o avanço da ciência ultrapasse de longe aquilo que a expectativa do homem actual sonhara.

Se bem que «nem tudo é possível em qualquer altura» afirma WOLFFLIN. «A visão tem a sua história».

Um quadro de arte (entenda-se) não é somente um objecto. «Que como todos os objectos, se produz em circunstâncias determinadas. Que, como todos os objectos, depende de condições gerais de produção e de consumo. E, como todos os objectos — uma mesa, um relógio, um piano —, tem características próprias que o definem. Mas este objecto separa-se de todos os demais criados pelo homem por uma infinidade de elementos que nele adquirem propriedades excepcionais. É um objecto único, denso de significado, cujo nascimento é a já acção. Um objecto em que todo o mundo ecoa. Um espelho que fala. Um mundo dentro do mundo» (p. de M. D.).

Para um pintor, na acepção mais completa do termo, poder conceber um quadro da Natividade de Jesus tem de reconstituir, com criterioso bom senso e demorada reflexão, a história da época em que Jesus nasceu, baseando-se nos usos e costumes, para o efeito representados em quadros antigos, esculturas e principalmente em livros. Porém terá de escutar as tradições que nos foram dadas através de séculos.

A. B.

O Natal e os presépios

(Continuação da página 1)

necedoras e impressionantes pelo sentimento cristão que delas exala».

Natal! É a poesia sã refletida na singeleza dum presépio de barro, toscamente feito pelas mãos — tantas vezes calejadas — de artistas ignorados e simples.

Mas se é certo que o presépio engloba um mundo de crenças também é verdade que a Sagrada Família, os pastores, os Reis Magos, os Anjos e tudo mais caminha dentro duma aproximação rica de cenas iguais, que ficaram para sempre nas igrejas e alguns, pelo seu grande valor como obras de arte, encontram-se, como reliquias, nalguns museus.

Os presépios portugueses distinguem-se facilmente pela perfeição que os caracteriza, pela harmonia que os redime e pelo sabor cristão que os ilumina.

Mesmo quando olharmos um tosco presépio de barro vemos nele um conjunto de pormenores que os caracteriza e torna inconfundíveis. Nos presépios portugueses vive o ambiente rural, na sua nudez facilmente verificável, na sua singeleza de esculturas, com os costumes típicos assinalados por identificações de inofensíveis exageros.

Evidentemente que a fantasia do povo, no desejo sempre crescente de adulterar, por uma tendência inata, vai criando, por vezes, a seu modo, cenas que mete, com certa graça, mochos, camelos, uma infinidade de animais, uma imensidade de casinhas, em todos os estilos e em todas as cores; grupos de campónios dançando e cantando ao som dos instrumentos mais diversos e mais bizarros. Por vezes vêem-se fidalgos, e reis militares e tudo o mais que a fantasia cria e idealiza.

São rebanhos de gado, são mil e uma coisas que enriquecem o cenário, não pelo valor artístico que representam, mas tão somente pelo panorama folclórico que deixam adivinhar.

Na Feira de Barcelos (plena de figuras de barro) na altura festiva do Natal, o turista delicia-se a comprar as tão características, acessíveis, e indispensáveis figurinhas do presépio:

O Menino, os Reis Magos, a Virgem Santa, S. José, a vaquinha e tudo o mais que os oleiros criaram na singeleza da sua fantasia...

E assim, de ano para ano, se recorda e se vive a quadra mais bela e mais grandiosa da família — o Natal.

A. R.

O Cortejo de Oferendas a favor do Hospital de Barcelos constituiu — como se previa — uma autêntica prova de solidariedade cristã

UM ambiente festivo, embora o tempo se mostrasse, por vezes, carrancudo, o cortejo de oferendas a favor do Hospital de Barcelos, foi, sem dúvida, uma verdadeira e sublime romagem de caridade onde as freguesias do seu vasto concelho se incorporaram com os seus trajes domingueiros nessa jornada de carros repletos de dádivas num misto de poesia simples, de alegria sã... e justificado orgulho... Foi assim mesmo, com toda a paz da nossa alma, que olhámos essa procissão de pessoas que, tantas vezes esquecidas de si mesmas, colaboram com o seu contributo transformando em realidade possível o triunfo dum cortejo que honra as freguesias do concelho de Barcelos, Barcelos e a sua boa gente.

Como foi belo esse espectáculo que se traduziu no desfile das moças garridas destas terras do Minho, na sinfonia grandiosa de transformar em curas, alegrias e pão, as tone-

ladas de pinheiros, os quilos de cereal e as notas do banco que a gente destas plagas do Minho sabe dar quando é preciso dar.

O Cortejo de Oferendas rendeu mais de 600 contos

Os carros das nossas duas corporações dos Bombeiros de Barcelos e Barcelinhos, vieram dar brilho ao cortejo trazendo dísticos onde se liam:

Indústria de Barcelos	50 contos
Ministério do Interior	10 contos
Câmara Municipal	10 contos
Receita colhida na cidade	60 contos

Enfim um total de certa monta interessante.

Depois foram passando os carros das freguesias do concelho, cabendo a honra da abertura a «Remelhe». Seguidamente vinha «Vila Seca» com a bonita soma de 10 contos em dinheiro, e géneros.

A seguir faziam-se represen-

Júlio Diniz

JÚLIO DINIZ é um dos mais apreciados e conhecidos romancistas portugueses. A sua obra é cheia de delicadeza, de bondade, de idealismo, de romantismo na verdadeira acepção da palavra. Os personagens dos livros de Júlio Diniz parecem-nos pessoas que realmente viveram e que nós conhecemos muito bem e, de vez em quando, recordamos, com nitidez, os gestos, as palavras, as próprias emoções e sentimentos mais íntimos, nos quais delicadamente penetramos. Parece que as vimos, chorar, rir, sonhar, movimentarem-se, umas vezes alegres e ágeis, outras pachorrentas e acabrunhadas, ora despreocupadas na vida simples, ora sufocadas por terrível desgosto, que as lágrimas e as palavras meigas e justas sempre acalmavam. Em Júlio Diniz comove-nos, sobretudo, a ternura com que retrata as figuras de

mulher tão delicadas e meigas, conservando-se puras mesmo quando, impensadamente, procedem com leviandade.

A Júlio Diniz repugnava-lhe a maldade, a ignomínia, a deshonestidade e comprazia-se em fazer viver, nos seus livros, aquelas pessoas com quem gostava de conviver, e nas quais os sentimentos da honra e da bondade faziam seguir, na vida, tranquilamente, no caminho seguro do dever.

A Júlio Diniz guiavam-no também propósitos de moralista. Procurava incitar os leitores à prática do bem, fazia-os amar um mundo onde se vivesse feliz cumprindo cada um os seus deveres. A honra, a bondade, o sacrifício e a abnegação silenciosa e apagada, para conseguir a felicidade das pessoas mais queridas, são o apanágio daquelas suaves figuras de mulher, que aparecem nos livros de Júlio Diniz, como anjos de paz e de amor.

O escritor conseguiu imortalizá-las não pela beleza ou elegância mas sim pelo que de mais elevado e nobre há na mulher — a alma requintadamente feminina, cheia de ternura inteligente, sem pieguices nem sentimentalismos ou ideais mesquinhos.

Quase todos os seus romances são passados na aldeia, na vida sã do povo simples.

O seu estilo, como prosador, é singelo, e delicado, é um estilo que se coaduna perfeitamente com a índole bondosa do romancista.

Os seus livros são memoráveis não pelo estilo do escritor, ou pela sua linguagem varonil e plástica, mas sim porque fazem ainda hoje e sempre a delícia das almas sãs, que amam a vida norteadas por ideais altos.

Júlio Diniz não é um nome verdadeiro, é o pseudónimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho, nascido no Porto em 1839, cidade em que, faleceu aos 32 anos, vitimado pela tuberculose, que lhe roubara já a Mãe e dois irmãos.

Formou-se em medicina, mas logo a terrível doença, implacavelmente, o começou a flagelar, predispondo-lhe o espírito, ora com revolta, ora com resignação, para a morte, que se aproximava.

Procurou alívio para o seu mal indo fazer uma cura de repouso para Ovar, terra natal do pai. Parece que foi aí, no contacto com a vida simples da aldeia, que encontrou elementos para os seus romances. Estudou com minúcia os costumes e na opinião de alguns críticos da sua obra, muitos dos seus personagens foram pessoas com

Solução
das
palavras
cruzadas
do
número
anterior

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1	P	A	I	X	A	O	V	L	G	A	R			
2	J	U	S			P	A	I			V	E	R	
3	A	P	I	S		C	E	D	O		E	T	I	C
4	V	I	L	A		O	R	A	L		A	S	A	S
5	A	L	A	R		R	O	G	A		O	L	A	I
6		O	V	A		R	U	A	O			D	R	
7	A		A	I	P	O				R	E	N	O	M
8	S	O			V	O	E			A	R	A	L	E
9	O	R	A	E	R					S	A	O	S	L
10		R	E			R	A	F		A	R			
11	B	O	M			B	E	L	O		L	E	V	E
12	U	S	E			P	U	S			V	A	T	E
13	L	E	S			B	E	I	S		C	A	N	I
14	I	A	S			T	R	I			A	N	O	
15	S	A	C	O	D	E		L	O	D	O	S	A	

Acção Cultural das Fábricas Aleluia

Aveiro, 3 de Dezembro de 1955

... Senhor
Director do BOLETIM SOCIAL DA «TEBE»
Campo 5 de Outubro, 39-R/C
BARCELOS

... Senhor

Com os nossos melhores cumprimentos, vimos agradecer os exemplares do «Boletim Social da TEBE» que V. teve a gentileza de nos enviar e que muito apreciamos.

Ao mesmo tempo, queremos também agradecer a V. as amáveis referências insertas neste número do «Boletim», acerca do concerto que o «GRUPO CORAL ALELUIA» realizou no dia 20 de Outubro último nas Fábricas TEBE.

Por tudo, renovamos os nossos agradecimentos e subscrevemo-nos com a mais elevada consideração,

De V.
Muito Atenciosamente
Carlos Aleluia

João Gonçalves Martins

Um nome ao serviço das conceituadas águas

: Vidago, Melgaço & Pedras Salgadas :

Agente da conhecidíssima Companhia de Seguros

«A MUNDIAL»

Em frente à Estação do Caminho de Ferro — BARCELOS

quem realmente conviveu e que existiam nessa pacata terra da província.

Todos conhecem os seus livros pelo menos de nome, mas todos os deviam ler pois a linguagem e o entredo são acessíveis às próprias classes de cultura mediana.

As suas obras principais foram «As Pupilas do Senhor Reitor», «A Morgadinha dos Canaviais», «Uma Família Inglesa», «Os Fidalgos da Casa Mourisca» e «Os Serões da Província».

Maria Lúcia

«O Curandeiro»

Este bellissimo conto publicado no último número do nosso «Boletim» é da autoria de Nicolau Suranyi.

Aniversários

Esta secção, de futuro, será dirigida pelo nosso colaborador, Carlos Quinta e Costa.

Visado pela Comissão de Censura

A. B.

NATAL

VAMOS, em breve festejar o Natal, recordando que, na gruta humilde e sem conforto, numa noite fria de Inverno, em que os flocos de neve caíndo, brandamente, iam, de mansinho, cobrindo a terra de brancura, Jesus nasceu!... Ele veio ao mundo ensinar-nos a viver uma vida de Verdades, de sacrifícios, de alegrias sãs, de arrependimentos sinceros, de ideais elevados.

O Natal é uma festa de alegria porque Jesus não veio, apenas, revelar uma doutrina, veio trazer ao homem a certeza de que era senhor de uma alma livre, absolutamente livre para fazer o Bem e repudiar o Mal. Jesus veio à terra numa missão de Amor e de Paz.

O seu sacrifício não foi em vão se tu O compreendeste; as lágrimas de Maria não foram inúteis se souberes dar à tua vida o sentido cristão que deves; as caminhadas longas e ásperas pelos rudes e tortuosos colos dos montes da Galilea não foram baldadas se tu executares e seguires as palavras que ecoaram nas quebradas das serras, pelos vales silenciosos, por entre os cedros de ramaria espessa, e se ouviram de mansinho, junto ao Lago de Genezaré quando a brisa arrepiava levemente as suas águas tranquilas.

Esses ecos estrondosos da voz suave de Jesus fizeram oscilar a estrutura das sociedades pagãs e deram um rumo novo à vida e hoje, esse eco faz, ainda, estremecer as almas que, estouvadamente, seguem, pela vida, alheias aos seus deveres.

Jesus ensinou com sermões, com parábolas, com profecias, com milagres e com o exemplo. Exemplo de vida simples, exemplo de caridade, de humanidade, de resignação, de amor ilimitado por todos os semelhantes. Jesus atendeu os cegos, os paralíticos, os leprosos, os desesperados pela dor, os incrédulos, os pecadores arrependidos.

Curou as suas doenças, resuscitou os seus mortos, revelou a Verdade, enxugou as lágrimas e a todos perdoou, abençoando-os e dando-lhes a saúde, a alegria, a esperança, a paz às suas almas atrofiadas pelo Mal e pela Dúvida.

Foi uma vida de amor pela humanidade ingrata que ainda hoje não quer escutar Aquele a quem a tempestade e o mar obedeceram.....

...Deus dê a todos um Natal Alegre, em que se possa com devoção recordar o nascimento pobrezinho do Menino, mas olha que só há alegria para aqueles cuja vida é limpa de remorsos, de falsidades, de mentiras.

A tua existência pode ser tão simples e tão cheia de Ideal... Tens assegurado o pão de cada dia e o necessário para o nível de vida a que deves aspirar: uma casinha modesta com o conforto que o teu arranjo e o teu carinho lhe podem dar. Não ambiciones demasiado para não sofreres desilusões, nem para sofreres a tentação duma vida fácil, mas contrária à tua dignidade de mulher cristã. Alguém disse: «a vida não é uma festa, é uma tarefa». Não esqueças que para viver, dignamente, é necessário lutar, deixando pelo caminho orlado de rosas e de espinhos, gotas de sangue e orvalho de lágrimas.

Para viveres um Ideal, para seguires o rumo do dever, tens de lutar, primeiro contigo, com as tuas ambições, o teu comodismo, os teus instintos; depois terás de lutar com a descrença, a indiferença e o egoísmo dos que te rodeiam. A vida olha-se de frente, sem receio quando de coração erguido, com a alma em festa se segue o caminho do Dever, porque com a consciência tranquila, há sempre alegria na vida.

O Natal não é uma festa mundana de danças ou canções que atordoem os sentidos, mas sim uma festa profundamente espiritual onde os cânticos suaves e ternos nos aproximam de Deus. O Natal não é uma festa estridente em que o alvoroço possa abafar os sentimentos, é sim um momento de quietude, feliz e sereno, no seio das famílias, porque todos se unem mais na amizade sincera e casta que os liga. Onde não houver Amor, amizade, compreensão não poderá haver Natal feliz!...

Faz da tua casa um presépio como o de Belém, pobrezinho, mas onde não falte o carinho e o respeito que sempre deve haver nos lares para aconchego, amparo e exemplo dos filhos.

No teu lar não há alegria? Porquê? Falta o pão ou o necessário para um viver mediano? Ou faltarão antes os bons costumes e a educação precisa para cada um cumprir as suas obrigações? Não viverás certamente com desafogo, mas há tantos lares modestos onde o arranjo faz milagres de conforto! Há tantos pais que vivem pelos filhos e há tantos outros que os esquecem desperdiçando, estupidamente, o seu salário nas tabernas.

Festejar o nascimento do Menino é recordar o exemplo dessa Vida que deu à humanidade a mais bela lição de amor e de sacrifício, ... e o amor verdadeiro exige sempre sacrifícios.

Maria Lúcia

A Empresa Têxtil de Barcelos, L.^{da} (TEBE)

envia o seu cartão de Boas Festas a todos os seus estimados clientes e amigos, desejando-lhes também um Novo Ano muito próspero.

Entrevista com o dirigente do Grupo Recreativo da TEBE, Sr. Manuel de Sousa

Introdução

Já há muito que andava no nosso espírito a ideia de uma entrevista com Manuel de Sousa acerca da função social e recreativa do cinema privado da TEBE. Porém, como nem sempre o tempo nos permite, eis a razão porque o não pudemos fazer ainda.

— Diga-nos, Sr. Sousa, por favor, qual a ideia central que presidiu à criação dum cinema dentro da TEBE?

— A ideia não é nossa, nem é nova. Há já algumas Empresas pelo País, que tem oferecido ao seu pessoal sessões de cinema com relativa frequência.

A própria Delegação de Braga da F. N. A. T. tem uma máquina de cinema de 16 milímetros e oferece todos os dias nas sedes dos seus filiaes, sessões de cinema.

Como vê, a ideia não é nossa, mas quisemos aproveitar as regalias concedidas pela F. N. A. T. aos grupos nela inscritos, e portanto acrescentamos às actividades do Grupo Recreativo da TEBE o cinema privativo.

— Parece-nos que têm surgido algumas dificuldades na selecção dos filmes, dada a falta existente nos mercados nacionais. Será verdade? No caso afirmativo querará informar os leitores deste «Boletim»?

— No que respeita à escolha dos filmes para as nossas sessões, a maior dificuldade reside no facto do número de filmes de grande metragem, ser muito reduzido no nosso País.

No entanto há que contar com um vastíssimo programa cultural educativo que nos oferecem as Embaixadas estrangeiras, nomeadamente a Inglaterra, França, Alemanha e Dinamarca, programa do qual já projectamos alguns filmes com agrado geral.

Mas é verdade, e que está provado que o filme de futuro é o de 16 milímetros pois que além do mesmo rendimento do de 35, tem a vantagem da economia em material.

— Ouvimos dizer, embora muito por alto, e sem uma certeza justificativa, que os lucros prováveis nas futuras sessões se destinam à manutenção de uma colónia de férias para as crianças filhas dos trabalhadores. Será verdade? No caso positivo querará dizer-nos o que de verdadeiro se passa sobre este assunto?

— Essa pergunta requer uma explicação: Na realidade, em princípio, as nossas sessões não são com entradas pagas, mas simplesmente se faz uma marcação de lugar mediante um bilhete fornecido pela organização. Essa marcação é paga e é esse o lucro de que o grupo dispõe para promover as suas actividades.

É claro que surgiu logo a ideia de se aplicar os fundos do Grupo numa organização de beneficência, que de qualquer maneira ajudasse os operários da fábrica.

Pensou-se na Colónia Balnear Infantil, e tudo se preparou para a obtenção do êxito.

As primeiras sessões foram animadoras. No entanto, volvido algum tempo o desinteresse foi quase total.

Não sei a que atribuir essa atitude do pessoal da Fábrica. Talvez não seja estranho a essa atitude, o pouco caso que a maioria do pessoal superior fazia do nosso cinema, e as críticas severas e maldosas de outras pessoas, que por sistema dizem muitas coisas mesmo sem as verem.

Fatalmente que o Cinema tinha de dar prejuízo, e foi o que aconteceu. Poderá pensar-se que os filmes não interessavam.

No entanto filmes como «Frei Luís de Sousa», «Vizinhos do Rés-do-Chão» e «As Pupilas do Sr. Reitor» eram vistos por uma assistência que não excedia 200 pessoas, quando o Salão leva 400 lugares sentados.

Não há dúvida que o pessoal quer bons filmes, mas a verdade é que o cinema na TEBE, é apenas um meio para se atingir um fim.

Nós apenas queremos suavizar a contribuição do pessoal, para a criação duma Instituição que lhe dê benefícios.

E para que o êxito fosse completo bastaria que cada operário uma vez por mês viesse ao cinema trazendo consigo uma pessoa de família.

Como vê era fácil a solução.

— Não queremos roubar-lhe muito tempo; mas, se permite, gostaríamos de saber qual o critério que presidiu à escolha dos filmes. Certamente que haverá sempre no seu espírito a ideia de exibir só filmes que instruem e divertam, não é verdade?

— Devo apenas dizer-lhe que todos os filmes de 16 milímetros existentes no nosso País são filmes classificados para crianças e apenas alguns para maiores de 15 anos.

E para terminar, quero ainda dizer-lhe que se pensa muito a sério na troca da nossa máquina de 16^{mm} para 35 e que o assunto está a ser estudado convenientemente.

Gostaríamos de nos alongar um pouco mais, mas como este número do Natal já deixou de incluir variadíssimo original para publicarmos, como havíamos anunciado, esta breve entrevista ficaremos hoje por aqui, deixando quaisquer outras considerações que pretenda ditar para as futuras publicações, bem como o noticiário que julgar oportuno para levar a bom termo a sua acção.

E por hoje só lhe desejamos muitas felicidades nos seus intentos.

SECÇÃO DESPORTIVA

PERSPECTIVAS

Vai começar dentro em breve mais uma época de oquei em patins, sendo o facto sempre assinalado por desusado movimento de boatos e muitas vezes com algum fundamento. E' na verdade a altura de os clubes principiarem a encarar o problema da formação e treino da equipe e portanto enfrentar os múltiplos problemas que nesse capitulo sempre surgem.

Os clubes de Barcelos não fugiram à regra geral e registou-se este ano pela primeira vez grande animação. Na verdade a presença de dois treinadores para o Oquei Clube de Barcelos e Vitória de Barcelinhos veio dar certo relevo à vida destes clubes. Um treinador é sem dúvida um elemento imprescindível para um grupo cujos jogadores apenas sabem aquilo que aprenderam por si próprios e portanto logicamente imperfeito. Aliás não podiam os Clubes de Barcelos deixar de observar o que se passa nas outras equipas do Minho pois que aparte Braga todas têm treinador.

Parece-nos que esta época o oquei minhoto deve subir bastante e bem necessitado está de se equiparar às restantes zonas. Por isso têm trabalhado os Clubes e oxalá vejam os seus esforços coroados de êxito.

Aguardemos pois o início da temporada que se avizinha.

Pires Bigote

FUTEBOL

Nacional da II Divisão

Terminou a primeira volta do campeonato da II Divisão e diga-se de antemão que esta não foi favorável ao clube de Barcelos.

A todos os momentos se esperava a recuperação do Gil Vicente mas a infelicidade que o vem acompanhando de perto tem atrasado o clube na tabela da classificação geral.

Os resultados dos jogos não têm sido a compensação das exibições do grupo Barcelense que tem sabido impôr-se aos mais categorizados.

A par destas exibições brilhantes há um erro flagrante que tem que ser remediado.

É preciso exibições brilhantes mas práticas e só assim é que o clube pode subir.

Temos visto os jogos, temos visto jogar, mas não vemos finalizar as jogadas. Embaralha-se a avançada com o esférico dentro da área de remate e este não é rematado a contar. Abandona-se a defesa demasiado e isto tem sido a causa de inúmeras derrotas tal como sucedeu contra o Salgueiros, etc., etc...

Surgiu já a segunda volta e acreditamos na recuperação da equipa.

O clube tem que manter a sua presença na II Divisão e não pode descurar de modo algum este ponto de vista.

Era necessário atender às dificuldades que vão aparecendo e a equipa tem absoluta necessidade de ser reforçada para poder assegurar um lugar honroso.

Aguardemos esta última parte do campeonato e confiemos que a sorte virá agora recompor o clube a subir para um lugar que o manterá na divisão.

Pê Efe

CLUBE DESPORTIVO DE BARCELINHOS

No passado dia 4 do corrente, celebrou o Clube Desportivo Barcelinense o 26.º aniversário da sua fundação.

Na Igreja paroquial foi mandada rezar uma missa pelos sócios falecidos, tendo comparecido para o acto a Direcção da Colectividade, massa associativa, clubes convidados com seus estandartes e mais simpatizantes.

No final houve uma romagem de saudade ao cemitério onde foram depositos ramos de flores nas campas do fundador da colectividade João Baptista de Faria e do atleta Alberto Amaral.

À noite na sede do Clube teve lugar uma sessão solene a que presidiu o Snr. Dr. Luís Novais Machado, Presidente da Câmara Municipal, com a presença das autoridades locais, imprensa, Direcção, atletas e massa associativa do Clube.

Durante o acto foi prestada justa e significativa homenagem ao Presidente da Direcção Snr. Dr. José Machado e aos atletas que na presente época foram os vencedores dos campeonatos nacionais de Natação, tendo sido descerradas as suas fotografias.

Pelo Snr. Presidente da Câmara foram colocadas medalhas aos atletas campeões Nacionais.

Foi servido um Copo-de-Água a todos os assistentes, durante o qual usaram da palavra vários oradores que enalteciram as honras e o valor do Clube Desportivo de Barcelinhos, pelo que foram demoradamente aplaudidos.

«Boletim da TEBE», apresenta os seus parabéns à Direcção do Clube de além Cávado.

A. Faria

Noticiário

Parece que não tem fundamento o facto do Sport Clube Vianense ter extinguido a secção de oquei em patins. Não estava certo que desaparecesse um clube que tanto elevou o oquei minhoto e possuidor ainda de um bom lote de atletas.

— Confirma-se a vinda do treinador Saramago para o Vitória de Barcelinhos, fazendo também parte da equipa principal como jogador.

— Parece que o Oquei Clube de Barcelos terá a treinar a sua equipa o atleta do Infante de Sagres, Ildebrando, que já se deslocou a Barcelos para efectuar algumas sessões.

— O Clube Desportivo da TEBE

PASSATEMPO

(Continuação da página 6)

VII — Hiéroglifos comprimidos

Titular verde acto	Nação laço	Bebida Medida U
Extermina 500 Metal	Nota 5 zero nome	Δ 50 nota embarcação

VIII — Pergunta fácil

O que é que toda a gente viu uma vez mas não torna mais a ver?

Resta-nos indicar o quadro dos Campeões, ao fim desta IV Série do PASSATEMPO. Sofreu algumas alterações como poderão verificar:

QUADRO DOS CAMPEÕES

1.º — Licínio Waldemar Esteves	16,3 pontos
2.º — Odagled	12,2 "
3.º — João Cândido da Silva	11,4 "

Seguem-se, pela ordem imediatamente correspondente, os seguintes concorrentes:

Fernando Pereira	11,3 pontos
A. Lima F. Magalhães	11,0 "
Alfa	10,8 "
Taquim e Tacos	10,4 "
Fremando	10,3 "
Mariolinda	10,0 "
Marimila	9,8 "
Odraude	9,6 "
José F. Lima da Costa	7,1 "
Maria Teresa Albuquerque	6,2 "
José de Bessa e Menezes	4,7 "
Airam asor	4,7 "

e por último, José T. Vilas Boas com 3,4. Portanto, ainda não é tarde para desanimarem e se todos estiverem com atenção e puxarem um pouco pela "cachimónia" ainda poderão verificar-se muitas supresas.

À obra, pois, argutos leitores...

também vai reforçar a equipa com um jogador treinador para o que já entrou em negociações com o elemento em questão.

— Este ano teremos ao que consta a presença do Sporting de Braga no Campeonato Regional. Quanto ao Académico nada se sabe mas talvez apresente também uma equipa.

Dá-me os teus braços tão lindos,

Em troca dar-te-ei os meus

Entre nós, o que haverá?

Eu sei lá! Valha-me Deus!...

A. B.



O Boletim Social da TEBE

deseja a todos os seus assinantes, anunciantes e amigos um Natal Feliz e um Novo Ano cheio de prosperidades.



Secção dirigida por JAIME FERREIRA

Comentários...

A nossa expectativa não foi iludida e ainda bem. Temos recebido algumas cartas incitando-nos a continuar e até vindo de encontro à sugestão que apresentamos: o adiamento do final deste concurso, que estava inicialmente marcado para Janeiro.

Assim e agradecendo, desde já, a todos quantos colaboram neste PASSATEMPO, queremos testemunhar-lhes que são as suas palavras que nos entusiasma e que nos levam a tornar mais instrutivo e agradável este cantinho do "Boletim Social da TEBE". Vamos, portanto, prorrogar o prazo de encerramento do presente concurso, para o número de Março de 1956.

GRALHAS: — Foram inevitáveis, devido à urgência na correcção do original, duas gralhas verificadas nos problemas propostos no número anterior. Assim, saíu "nos cartões de visita": Afonso Cavide Vale, quando era, na verdade: Afonso Cavido Vale. Ainda nos cartões de visita saíu: L. Teresa, quando devia ser L. Feresa, o que daria ALFERES, em vez de Estrela, como alguns indicaram. Demos a estes o decimal correspondente à decifração certa, como não podia deixar de ser.

CONCORRENTES: — Os problemas apresentados, como todos verificaram, eram fáceis, talvez até extremamente fáceis. Mas em tudo se verifica um pouco de falta de atenção, especialmente naquelas perguntas chamadas "de algibeira". Era o caso do número V, que para todas as perguntas tinha uma única resposta: NADA. Só um concorrente respondeu acertadamente e outro indicou para 9 perguntas o "nada" e para a última, qualquer coisa...

Lamentámos que a concorrente D. Maria Teresa Albuquerque, de Lisboa, não nos tenha mandado as soluções a tempo de se classificar ainda melhor, pois o seu terceiro lugar, justificava o envio das respostas para esta IV Série. Mas o prazo fecha, como todos sabem no dia 10 do mês seguinte ao da saída do "BOLETIM", onde vêm publicadas as nossas perguntas.

PRÉMIOS: — Finalmente podemos anunciar que os prémios para esta primeira fase do nosso concurso, são na verdade tentadores. Para já desvendamos o primeiro. É uma interessante e útil máquina fotográfica que o vosso jornal oferece ao primeiro classificado das 8 séries do PASSATEMPO. Outros prémios serão indicados à medida que os formos obtendo, pois resolvemos oferecer objectos úteis e de valor pessoal e estimativo.

E vamos então indicar as soluções exactas aos problemas propostos no nosso número de Novembro de 1955 e que constituíam a IV Série.

Soluções aos problemas da IV SÉRIE

I — Prova de argúcia

- 1.º — Ganhou $1.100\$00 = 1.000\$00 + 50\$00 + 50\00
 2.º — Perdeu $1.100\$00 = 500\$00 + 500\$00 + 100\00

II — Maçada geográfica

MERTOLA — SERPA — ELVAS — LAGOS — LUANDA

III — Paciências matemáticas

- a) = 90 números
 b) = $6-6+6-6+6-6+6+6:6=2$

Nota — Este era dos problemas que podiam ter mais do que uma solução. Apresentamos uma delas, talvez a mais simples.

IV — Adivinhas

- a) — 4
 b) — $22 + 2 = 24$
 c) — Austrália
 d) — Platina
 e) — 8 minutos e 13 segundos
 f) — 1 (porque depois já não estava em jejum)
 g) — Os mares
 h) — Sim, excepto a etíope que é a 13.ª
 i) — Palpebra
 j) — 6 de Julho

V —

a) a j) — Para todas as perguntas a resposta era: «NADA».

VI — Cartões de visita

Brigadeiro	Almirante
Alferes ou Estrela	Ferreiro
Major	Avicultor

Póvoa de Varzim — Celorico da Beira — Vila Nova de Fozcoia
 Salvaterra de Magos

VII — Hiéroglifos comprimidos

Música — Lisboa — Calvário — Violino — Valente

Como o presente número é dedicado à quadra festiva do Natal, não nos podemos alongar em mais considerações, pelo que passamos a indicar a seguir os problemas que vão constituir a V Série do nosso PASSATEMPO e para os quais pedimos a todos os concorrentes para lhes dedicarem a maior atenção pois como sempre a realidade está acima da ficção ou mesmo do sentido figurado.

Eis, portanto, os problemas da

V Série:

I — Prova de argúcia

Com 5 fósforos e empregando as operações que quiser, obter para resultados os seguintes números: 1-2-3-4-5-6-7-8-9

II — Maçada geográfica

- Qual é a terra de Portugal que é uma rua de Lisboa?
- Qual é a terra de Portugal que é uma capela?
- Qual é a terra de Portugal que é tanque de jardim?
- Qual é a terra de Portugal que é colina?
- Qual é a terra de Portugal que não come?
- Qual é a terra de Portugal que é residência real?
- Qual é a terra de Portugal que é mau sentimento?
- Qual é a terra de Portugal que é ilha do Mediterrâneo?
- Qual é a terra de Portugal que é cidade espanhola?
- Qual é a terra de Portugal que está vigilante?

III — Paciência matemática

a) — Um indivíduo que tinha uma porção de madeira preciosa, mandou fazer com ela um tampo de mesa que ficou de forma quadrada de 1 metro de lado e de uma só peça. O marceneiro restitui-lhe o resto, o qual era constituído por outro quadrado de 0,75 de lado.

Porém, o freguês voltou ao marceneiro para que lhe acrescentasse o tampo, de forma a ficar ainda quadrado, empregando somente a madeira que tinha restado e de forma a ficar com as maiores dimensões possíveis.

O marceneiro pensou bem e melhor fez o que o cliente pretendia, empregando todo o resto da madeira e com um mínimo de cortes de serra.

Pergunta-se: Como fez ele isso e com que dimensões ficou o tampo?

IV — Frases cortadas

Ao prepararmos diversas frases, elas baralharam-se, partindo-se ao meio, o que originou grande confusão. Assim as que abaixo indicamos, nenhuma está certa. Ajudem-nos a pôr tudo em ordem, para se poder fazer a devida rectificação:

- Uma mulher tem a idade que parece... ao fim de cinco semanas.
- Na América do Sul... a Terra está mais afastada do Sol.
- A linha transiberiana... é uma linha imaginária.
- A cigarra americana leva 17 anos a desenvolver-se e morre... assim que acaba de lavar a cara.
- A árvore mais alta... fica no Sul da Europa.
- O mar mediterrâneo... pertence à Rússia.
- Para 600 milhões de habitantes da terra... podem ser visíveis estrelas há muito desaparecidas do espaço.
- Devido à sua enormíssima distância... existe uma serpente chamada "20 minutos".
- O Trópico de Capricórnio... é um eucalipto da Polinésia com 140 metros.
- O dia 6 de Julho é a data em que... o porco é proibido como alimento.

V — Troca de letras

Com as 5 letras abaixo mencionadas formar 12 palavras portuguesas diferentes: AGORS

VI — Cartões de visita

Como todos gostaram, voltamos a incluir este passatempo, incluindo mais algumas profissões:

Maria G. Edone
 Adelia Var
 Ada P. Rei
 T. Rico Camafeu
 D. Dorana

Raul T. Gorci
 D. Gregó H. Nenhar Feio
 Dr. Virgílio Vencoste Cardoso
 D. Manuel da Fazenda Leite
 Dr. Mario T. Fide Amaro Olbeche

(Continua na página 5)

Para cada um o seu NATAL

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA OITO)

certas indumentárias estridentes ou então toscas e a indicar a mão anónima do oleiro popular.

Machado de Castro deixou-nos um presépio magnífico, que se pode admirar na Sé de Lisboa.

Brinquedos do Natal — Um sonho

E à meia noite precisa, a chaminé encheu-se de alegria e movimento... Uma luz estranha, vinda não sei donde iluminava a cena. E que cena!... Imaginam uma montra de loja de brinquedos, arrumada, ou melhor, desarrumada, em cima de um fogão.

Era a Boneca do Laçarote Azul que foi mirar-se vaidosa nos azulejos polidos. O Avião, sempre atrevido, com a mania das alturas, resolveu subir para a tampa da panela grande. E ao lado estavam alinhados os Soldadinhos de chumbo da caixa de Papelão. E por toda a parte Automóveis de corda, Livros e cornetas, Ursos de Pelo e Jogos de Paciência, etc.

De súbito, ouviu-se uma voz. Era a Boneca do Laçarote Azul.

— Ora esta! — exclamou ela. Não me dirão que fazemos nós aqui? Sim, que eu cá não sou boneca de cozinha...

E, enquanto o Urso de Pelo esfregava as mãos de contente, pois lhe sabia bem aquele calorzinho do fogão, o Avião sugeriu que interrogassem o Livro, pois era o brinquedo mais indicado para os informar.

Assim se fez. E o livro não tardou a responder-lhes:

— Ora, amigo! É bem fácil de adivinhar o motivo desta reunião. Basta saber a data em que estamos.

— Entramos agora no dia 25 de Dezembro, — gritou a Corneta com a voz esgançada.

— Exactamente. E isso não lhe diz nada?

— Ah! — acudiu, muito serigaita, a Bola de Borracha. É dia de Natal!...

— N-A-T-A-L? Soletrou a boneca. — Desculpem, mas não percebo... Também não admira, nasci há poucos meses...

Nesta altura, o Livro viu-se e desejou-se para conseguir que o ouvissem pois os restantes brinquedos faziam uma surriada tremenda à bonequita ignorante. Por fim, lá conseguiu meter a colherada:

— Então, então! Não façam troça! No reino dos homens também há muita gente que não sabe o que é o Natal.

E — pior ainda — há os que julgam saber, mas não compreendem toda a ternura e toda a grandeza daquela palavra.

— Explique-nos então, Snr. Livro, o que é o Natal, pediu a Boneca do Laçarote Azul.

— O melhor é verem pelos próprios olhos, neste Album de Estampas.

— Muito bem! concordou a Bola de Borracha.

— Tenho aqui — prosseguiu o Livro — três folhas coloridas e uma por acabar. Eis a primeira. Vejam meus amigos. É o Natal do Menino Jesus.

Todos se debruçaram curiosos, sobre a linda estampa. Os soldadinhos de chumbo pediram licença ao Oficial e saíram da forma. E até o Palhaço deixou de fazer piruetas e momices, ficando de boca aberta diante daquele quadro que parecia o próprio Céu.

A estampa mostrava um menino numa mangedoura. Ao lado via-se uma mulher de olhos azuis enternecidos — ou não fosse ela mãe — e um homem em cujo rosto transparecia a mais funda bondade. Em volta pastores e reis, ajoelhados, ofereciam ao recém-nascido os seus presentes: oiro e mel silvestre, incenso e cordeirinhos, mirra e frutos aromáticos. E enquanto todos cantavam glorificando o Menino que acabava de nascer, uma estrelinha debruçava-se do alto da página para admirar melhor a luz que brilhava no olhar daquela criança, a quem chamavam Jesus.

Os brinquedos não se atreveram a bater palmas, porque sentiram que todos os louvores seriam insuficientes e inúteis para traduzir o seu deslumbramento. Apenas a bonequita conseguiu articular:

— Que bonito!...

O Urso de Pelo foi o primeiro a voltar a si, do êxtase em que os mergulhara a contemplação da estampa. E virando-se para o Livro, perguntou: As outras ilustrações são assim tão belas?

— São. Já viram o Natal do Menino Jesus. Vão ver agora — O Natal do Menino Rico.

E o livro virou a folha, mostrando um quadro que representava uma sala luxuosa, com muitas luzes e muitos brinquedos. No meio daquilo tudo, via-se um menino que chorava, fazendo uma cara muito zangada.

— Mas porque chora ele — perguntou o Tambor, se tem tantas coisas com que brincar?

— É que não se contenta com o muito que tem — respondeu o Livro — e desejava ainda a Bicicleta que deram ao primo Carlitos.

— Mas nem todos os meninos ricos, passam assim o Natal — sentenciou o Oficial dos Soldadinhos.

Evidentemente. Há muitos que se aborrecem depressa com os seus brinquedos e que só pretendem depois os que pertencem aos outros.

— Vamos então ver a última estampa?

— Bravo! — Venha a última estampa, pedem a Bola de Borracha, rebolando sempre de um lado para o outro.

— Vou então mostrar-lhes agora, o terceiro desenho. Depois do Natal do Menino Jesus e do Natal do Menino Rico, vão ver o Natal do Menino Pobre.

Era uma estampa muito triste. Numa rua suja e feia, via-se uma criança descalça, esfarrapada, a tiritar de frio. Dir-se-ia estar à espera de qualquer coisa. Na mão tinha um Vaporzinho feito de jornal.

— Que está ele ali a fazer? quiz saber o Tambor.

— Sim, concordou a Boneca. — Porque não vai abrigar-se em qualquer parte fugindo ao frio?

— Porque está à espera que chova.

— Que chova? Mas para quê?

— É que, se chover, ela poderá brincar com o seu Vaporzinho de Papel, pois a água correrá para a valeta da rua. É este o seu único brinquedo...

Desta vez, nem a corneta teve coragem para dizer qualquer coisa. Tudo ficou embatucado. E foi o Livro quem os animou:

— Então que é isso?

— É que... balbuciou a Boneca.

— Sim... Eu cá... disse o Oficial.

— Bem, bem. Estão comovidos... Percebo... Mas não há ninguém que diga qualquer coisa?

— Eu tenho uma ideia!... Disse o Avião. Não é bem uma ideia. Talvez nem passe de um sonho... como ando sempre no ar...

— Bem, diga, diga então.

— Vamos completar a estampa que se segue e que está incompleta, chamando-lhe o Natal de todos os Meninos. Seríamos nós, os brinquedos que a tornaríamos possível.

Mas como? A ideia é boa. O que parece difícil é a realização, ponderou o Oficial dos Soldadinhos.

Parecia, mas não era. Foi o que todos reconheceram, logo que o Aeroplano de Folha expôs os pormenores do seu projecto. Todos se dividiriam: iria cada um para seu lado, levar uma alegria e felicidade a um menino pobre ou rico... Todos elogiaram com entusiasmo a ideia do Avião e só por um triz o Urso de Pelo não deu cabo dos pratos de tanto bater com eles. O Livro, sempre sensato, quiz saber, no entanto:

— Mas como havemos de pôr em prática essa ideia? perguntaram ao Avião.

— Pelos nossos próprios meios. Pois então? Olhem: o Oficial dos Soldadinhos de Chumbo dará ordem a todos os brinquedos para formarem... Eu, o Automóvel, o Comboio e o Vapor, forneceremos os transportes...

— Eu quero ir de automóvel — pediu logo a Boneca, ajeitando já o laçarote.

— A menina vai onde lhe disserem — admoestou a Corneta. Ora não querem lá ver a presumida.

E pouco depois todos os brinquedos partiram, levados por aquele sonho de amor e beleza. Todos, não. Só a Bola de Borracha ficara hesitante, a rebolar sobre si mesma, lembrando estranhamente este pobre mundo em que vivemos, que aplaude todas as ideias generosas e tanto tempo leva depois para se resolver a pô-las em prática... Mas, por fim, a Bola de Borracha lá foi, também fazer despertar um sorriso num rosto de criança, onde devia haver ainda um reflexo de luz da estrelinha que brilhava na primeira estampa do album maravilhoso.

Lutemos todos também para que cada um tenha o seu Natal...

A TEBE tem um artigo para cada português e um modelo para cada gosto... Assim todos os portugueses os estimam e os preferem.

Para cada um o seu NATAL

NENHUMA festa se compara, em universalidade, ao Natal. Em toda a parte em que se encontre um ocidental, até onde tenha chegado o afluxo da civilização cristã, é certo o Nascimento de Jesus ser comemorado segundo antigas tradições, rescentes de poesia que no espírito de todos os homens encontram eco. Utilizando um meio de transporte tão veloz como a própria imaginação seria possível, na noite de 24 para 25 de Dezembro, dar a volta ao mundo, voando de consoada em consoada, guiado pelas luzes que, em todos os países, se acendem em louvor do Menino Deus maravilhoso. E, contudo, até em relação à totalidade do Globo, o Natal tem carácter regional. A prodigiosa expansão dos povos europeus levou-os aos mais afastados pontos da terra. Mas o Natal não deixou, por isso, de ser uma festa tipicamente nórdica, produto genuíno da cultura ocidental.

Fóra dos limites naturais em que se gerou e desenvolveu, o Natal só subsiste como evocação nostálgica dos nevoentos e frios países do Norte.

A neve e o Natal

A neve basta para demonstrar o que acima dizemos. Ninguém sabe se teria nevado na noite em que Cristo nasceu sobre as palhinhas do humilde estábulo de Belém. Não é impossível, evidentemente, se bem que no clima sêco da Terra Santa, sob o bafos tépidos do mediterrâneo oriental, esse fenómeno meteorológico seja pouco frequente. Não esqueçamos, porém, que a escolha da data é puramente convencional e não tem qualquer apoio nas Escrituras.

Mas, tenha ou não nevado quando Jesus nasceu, que seria um Natal sem neve? Pois se até nas árvores simbólicas, resplendentes de luzes e ajoujadas de presentes, que nessa noite maravilhosa, encantam crianças e adultos, é costume similar a neve com flocos de algodão em rama...

O velho Pai Natal, com o seu capuz e roupão vermelhos, guardados de arminho, as suas imensas barbas brancas e o seu trenó arrastado pelas renas, é também uma criação nórdica.

O pinheiro do Natal

A frequência com que o pinheiro, muito especialmente o «bravo», assinala a paisagem portuguesa, lhe imprime carácter e contribui para a beleza do conjunto, conhecem-na bem os que vivem ou usam deslocar-se mais para o Norte do Tejo, desde o litoral beirão e minhoto, até à região média interior.

Firme no seu posto, portanto, o pinheiral, através dos tempos, não só vai resistindo, como progride.

Respeitemos o pinheiro, como árvore que sustenta grande parte da riqueza nacional, pois os pinhais cobrem cerca de metade da área portuguesa revestida de arborização.

É esta a árvore usada, impròpriamente, como símbolo do Natal das nossas casas portuguesas. É no pinheiro que colocam os presentes que, cerca da meia noite do dia 24, tanto pequenos como grandes, vão gulosamente «ver» o que o Menino Jesus lhes trouxe, através da chaminé...

Devemos dar culto à tradição mas, não esqueçamos o presépio, que no seu conjunto de figuras deve simbolizar a família portuguesa, a família de Jesus, Maria e José...

O Natal em várias latitudes

A festa cristã veio sobrepôr-se a antigos ritos pagãos, em que se celebrava a vitória do Sol.

Sob o céu ardente dos trópicos, nas selvas luxuriantes da Índia ou nas paragens misteriosas do Estremo-Oriente, o NATAL, transplantado dos países frios do Norte da Europa, transforma-se e só à custa de prodígios de engenho conserva um tênue sabor das suas características originais. Para o europeu, levado pela necessidade ou pelo espírito de aventura para

Por JAIME FERREIRA

terras distantes, é uma festa de saudade, em que evoca a pátria de que se ausentou.

A inclinação do eixo da terra, relativamente ao plano da sua órbita, dá origem, como se sabe, à inversão das estações, no hemisfério sul. Assim, na Austrália, por exemplo, o 25 de Dezembro coincide com o pino do verão. O Natal perde ali, todo o seu carácter de doce intimidade. É uma festa de ar livre, um pretexto para pique-niques e excursões às praias que nada têm de comum com a tradição. No Brasil sucede, evidentemente, o mesmo. Mas os portugueses que ali residem, esforçam-se para que nessa noite, não fiquem privados da ceia do bacalhau com bróculos, abundantemente regada com vinho verde.

Na noite sagrada há sempre espalhados sobre as águas dos oceanos, um milhar de navios mercantes, pelo menos. Em todos eles, a data é festejada e, mesmo que o barco singre, nessa ocasião pelas paragens tórridas do Mar Vermelho ou do Índico, o capitão não deixa de preparar uma árvore de Natal com bolinhas de algodão a fingir neve.

Muito mais poderíamos dizer sobre o Natal noutras regiões por exemplo entre os esquimós, que o celebram com um excesso de neve verdadeira e onde a festa decorre em plena noite polar pois o Sol que desce abaixo do horizonte em Novembro só volta a reaparecer em Janeiro... Mas, ficamos por aqui...

A cozinha do Natal

O Natal português festeja-se na comunhão da família sentada em torno da mesa...

Consoar deve ser coisa muito portuguesa, embora a palavra já tenha as raízes velhas mergulhadas no velhíssimo latim: ele bem pode querer dizer «cear juntamente». Mas muito embora a consoada queira dizer «cear ligeiramente em dia de jejum», a verdade é que a velha gula do português nosso avô, teve artes de transformar a frugalidade em simples abstinência, nessa noite memorável em que a Igreja celebra simbolicamente o aniversário natalício de Jesus.

De facto, pelo menos no Norte, carne não se come. Mas para o banquete e guloseima não há melhor pretexto em toda a Terra Portuguesa, nem liturgia cristã que dê motivos para mais graças a Deus e à cozinheira.

Ele é a bacalhoadada e couves-tronchudas cozidas com batatas fumegantes; ele é o polvo frito ou com arroz; ele é o rico vinho, reservado para os dias solenes do ano; e é principalmente a guloseima doce e açucarada das rabanadas, dos filhós, das castanhas piladas, dos fritinhos de abóbora, das passas e do figo sêco aberto ao meio e recheado de nozes...

Ainda é necessário lembrar a preparação das carnes do Perú e o lombinho de porco. E é preciso ter dedo para a sopa sêca, peixe com pão bem guisado e melhor temperado; ver se os bolinhos de bacalhau ficam bem dessados para a noite. E sendo este o fiel amigo, ausente durante os anos da última guerra é ele que ainda preside a todas as consoadas do Natal português.

Depois da ceia, todos se recolhem em oração, toda a família rodeando o velho patriarca da casa. E antes do bater da meia noite no campanário da Igreja, badalou pela terceira vez o sino de bronze anunciando a missa do galo. Missa igual às outras, mais deveria ser essa, com o Menino Jesus em pelota, deitado nas palhinhas, a Estrela do Norte pairando-lhe sobre o berço e as velas nos castiçais ou as lâmpadas eléctricas, a iluminar o altar e o presépio.

Tanto nas Igrejas como nas celas dos conventos, nas capelas particulares e até nas salas burguesas, se encontram essas singelas composições de figuras de barro que são os presépios. E então, é admirável-las, exuberantes, ricas de côr, faustosas em



Adoração dos Magos

(Ob. de Gaspar Vaz)

(Continua na página 7)